



Rui Proença Garcia & Paula Portugal (2021). Envelhecer com dignidade num país inventado. In Joaquim Pinheiro (coord.), *Olhares sobre o envelhecimento. Estudos interdisciplinares*, vol. II, pp. 85-93.

DOI: 10.34640/universidademadeira2021garciaportugal

ISBN: 978-989-8805-65-2

Nota de edição: Respeitou-se a norma ortográfica seguida pelos Autores.

© CDA, Universidade da Madeira

O conteúdo desta obra está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização dos editores e dos seus autores. Os capítulos, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade dos autores.



Envelhecer com dignidade num país inventado

RUI PROENÇA GARCIA¹

PAULA PORTUGAL²

¹Universidade do Porto. Faculdade de Desporto

²Instituto Politécnico do Porto. Escola Superior de Saúde

rgarcia@fade.up.pt

enviado a 18/11/2020 e aceite a 12/01/2021

Texto da intervenção no IV Colóquio *Olhares sobre o Envelhecimento*. Universidade da Madeira, 26 e 27 de novembro de 2015.

Resumo

Muitas vezes o envelhecimento é entendido como um problema. Entendemos que não é, mas uma conquista da humanidade. A vida humana cada vez é mais longa, mas nem sempre é vivida com dignidade. O envelhecimento é um desafio colocado à sociedade, sendo necessário também estudar o envelhecimento do velho. Os autores, a partir do título de um livro de Isabel Allende, inventaram um país, a Utopia, situado à latitude da nossa imaginação e à longitude da nossa fantasia. Nesse país, cada pessoa é uma pessoa sem rótulos. Não há distinções entre ninguém, apenas pessoas humanas. Um país que se orienta pelo Ser e não pelo Ter. É uma utopia, mas utopia não tem de significar o impossível. É um país que ainda não existe, mas que um dia existirá. Este país inventado é uma exigência ética. Como conclusão, é importante realçar o sentido profundo da expressão Vida com Dignidade. Dignidade, porque é um conceito ligado ao Ser. O atual conceito de qualidade de vida está mais ligado ao Ter. Queremos ser lembrados por aquilo que somos e não somente por aquilo que temos.

Palavras-chave: Envelhecimento; Dignidade Humana; Utopia; Vida; Existência.

Abstract

Ageing is often perceived as a problem. We understand that it is not, but rather an achievement of humanity. Human life is increasingly longer, but it is not always lived with dignity. Ageing is a challenge posed to society, and it is also necessary to study the ageing of the old. Based on the title of a book by Isabel Allende, the authors came up with a country, Utopia, located at the latitude of our imagination and the longitude of our fantasy. In this country, each person is a being without labels. There are no distinctions between anyone, only human persons. A country that is guided by Being and not by Having. It is a utopia, but utopia does not have to mean the impossible. It is a country that does not exist yet, but one day it will. This made-up country is an ethical requirement. In conclusion, it is important to highlight the profound meaning of the term Life with Dignity. Dignity, because it is a concept linked to Being. The current concept of quality of life is more linked to Having. We want to be remembered for who we are and not just for what we have.

Keywords: Ageing; Human Dignity; Utopia; Life; Existence.

Velhice: uma conquista da humanidade

A vida, humana ou não, está marcada por dois momentos cruciais: o nascimento e a morte. Esse entretanto, autêntico parêntesis do nada, constitui-se no maior acontecimento universal, a vida. Pode ser mais breve ou mais longa, mas é uma autêntica transcendência da matéria. E quando é humana estamos perante uma dupla transcendência. Porquê a vida e não o nada? Não sabemos dar uma resposta racional a este simples questionamento, mas há vida que parece ser

matéria autonomizada da restante. É matéria que nasce, que se reproduz, que se transforma rapidamente, que sente e alguma, a que se transformou em vida humana, que pensa nos tempos passado, presente e até no futuro quando já cá não estiver na condição de vida!

Sentimos algum reconforto perante tantos espantos quando lemos uma pequena passagem de Edgar Morin (Morin, s.d., p. 15) que nos diz que

“para nós, seres vivos, a vida parece evidente e normal, e a morte parece-nos espantosa e incrível. Mas, se nos colocarmos do ponto de vista do universo físico, então, (...) é a vida que se torna espantosa e incrível (...)”

Estes espantos e esta magistral reflexão de Morin, nada mais são do que gritos de esperança e de júbilo pela vida. O fim da vida não é um fim definitivo. Não sabemos, não podemos saber experimentalmente, se haverá outra vida no *além*, palavra esta já indiciadora de alguma coisa. Não sabemos, não conseguimos saber pela ciência, se reencarnámos ou se já somos reencarnações de alguém do passado. Não sabemos, não alcançamos por nenhum método empírico, se há algum paraíso ou, ao invés, um inferno. Não sabemos, mas respeitamos todos aqueles que vivem de acordo com esses conhecimentos. O que sabemos, ou tentamos ir sabendo, é que a vida é para ser vivida na plenitude de todo o seu tempo de duração. Até a morte se constitui numa experiência, a última, profundamente humana, pelo que é um equívoco pensar no homem sem abordar desassombadamente as temáticas aqui em apreço.

Vida, palavra mágica tantas vezes sem significado. Vida, condição que, até agora, nos faz únicos no universo infinito. Vida, um tempo longo tornado efémero pela voracidade contemporânea. Vida, uma efemeridade tornada longa pelo génio humano.

Nunca como agora as pessoas viveram tanto tempo, embora estejamos longe, muito longe dos 969 anos do bíblico Matusalém (Bíblia Sagrada, Gn, 5-21). Mas também estamos afastados, muito afastados dos 20 anos de média de vida atribuída aos antigos romanos, onde apenas cerca de 3% da população chegava aos 60 anos, quando hoje, em Portugal, a esperança média de vida ao nascimento anda próxima dos 80 anos, com uma vantagem para o sexo feminino, embora na Região Autónoma da Madeira os valores, estranhamente, sejam um pouco mais baixos do que a média do país.

Que avanço notável! Que conquista surpreendente da humanidade em tão escasso lapso de tempo histórico! A vida humana, de efémera, prolongou-se havendo quem prometa ainda mais, muito mais tempo de vida.

Da oposição entre vida humana e não humana, é costume dicotomizar os tempos de vida entre homens e mulheres, entre gerações atuais e passadas, entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Em todas estas antinomias manifesta-se uma evidência: há diferenças, mas também há uma similitude: o aumento do tempo média de vida e a entrada na faixa etária idosa de muitas mais pessoas. De facto, nunca houve tantos idosos como agora em redor de todo o mundo.

O envelhecimento das populações, longe de se constituir como problema, é uma tremenda conquista humana, pelo que é nossa intenção observá-lo como autêntica dádiva, para mais quando é vivido com dignidade.

Porém, nem sempre os outros, invariavelmente mais novos, veem o velho como resultado da genialidade humana, pelo que se torna imperioso analisar o envelhecimento nos seus aspetos

positivamente estruturantes e negativamente reais. Sabemos que é uma tarefa árdua, mas importante para se evitar um discurso demasiado pessimista e acusador em relação aos velhos, ou, ao invés, descomedidamente belo – qual liberdade poética ou devaneio lírico – mas desprovido de sentido real.

O idoso, não sendo um problema, tem problemas e muitas vezes o seu primeiro problema é ser encarado como um problema. Não é! É o resultado de uma conquista. Humanizar a vida do velho tem de ser um desígnio de todos, tal como é humanizar qualquer idade e condição de vida.

É este o nosso confessado propósito, porque hoje faz sentido estudar o idoso e os desafios colocados à sociedade que nunca viveu um momento como este. Nunca até agora existiu uma predominância de pessoas idosas na estrutura etária da sociedade. Os dados estatísticos mostram que cada vez fará mais sentido estudar o envelhecimento, inclusive o envelhecimento do velho. Sim, estudar o envelhecimento do velho porque também se envelhece na velhice. Dados recentes apontam para a existência de cerca de 4300 pessoas centenárias em Portugal. Estes números não têm paralelo na história da humanidade, sugerindo que quando se entra na Terceira Idade – admitamos que seja aos 65 anos – tanto se pode viver por mais alguns dias ou para cima de 35 anos. Esta situação é uma novidade na longa biografia do ser humano. Espantoso!

Sabemos que a doença e o envelhecimento fazem que compreendamos os nossos próprios limites (Poliakov, 1996, p. 263), as fragilidades e vulnerabilidades extremas da condição humana. Porém, a velhice não pode ser vista como o fim ou, passe o lugar-comum, o princípio do fim. Não! A velhice deve ser vislumbrada como um fantástico e desafiante período das nossas vidas. A ciência tem conseguido ampliar o tempo médio de vida, pelo que tudo deve ser feito para proporcionar que esse tempo seja vivido na plenitude da sua dignidade.

Dizem alguns que “velhos são os trapos”. Palavras sábias – quase sempre as palavras do povo o são – mas, e é uma nossa crença, ser velho não é um marcador social negativo. É o resultado de um processo natural, o envelhecimento, que conduz o humano para as delícias de um tempo que é exclusivamente daqueles que percorreram o itinerário da vida e que assim almejam arribar no destino.

Ser velho significa conhecer toda a vida, todas as idades humanas. Significa que já se percorreu a quase totalidade do labirinto da existência. Sim, porque o labirinto é uma metáfora da vida. Entra-se, percorrem-se os seus tortuosos caminhos, às vezes carregados de incertezas pelas escolhas feitas, para que depois se saia triunfante pela porta que nos conduz a uma outra dimensão, porventura escatológica.

Ser velho é estar perante quase toda a vida. É olhar para os outros e dizer: *eu já por aí passei! Sei o que te espera! Vem, se conseguires, ter comigo!* Liberdade poética? Talvez, mas o que seria da vida sem a poesia? Seria, tem sido, uma vida onde o velho é sinónimo de ruína e de aniquilação perpétua da pessoa humana. A velhice é avistada como a antecâmara da morte. Se assim for, então a velhice é um triste marcador social. Mas não é forçoso que assim seja!

A velhice não é o Rio Letes (Serres, 2004) da vida humana. A existir, esse mítico rio será transposto mais tarde. Aí, admitimos, o esquecimento é uma constante ao fim de algum tempo

exceto para aqueles “que por suas obras valerosas se vão da lei da morte libertando”, como cantava o Príncipe dos Poetas.¹

A publicidade raramente se debruça sobre o velho e quando o faz é no sentido de o mostrar como que rejuvenescido e adotando posturas e/ou comportamentos normalmente conotados com a juventude. É raro a televisão, enquanto veículo do marketing, mostrar um idoso mergulhado nas suas dificuldades do quotidiano, preferindo mostrar os valores juvenis num ser que aparenta muita idade. O mesmo se passa com o mundo da atividade física para a Terceira Idade onde, sistematicamente, se divulgam imagens de pessoas idosos com corpos típicos da idade jovem, assim como, com rasgados sorrisos que afastam todo e qualquer desapontamento. Exemplo disso, são as imagens de um homem musculado e uma mulher com uma flexibilidade extrema, ambos aparentando ter muita idade, como fossem essas as características comuns deste estrato populacional. Ninguém quer representar o idoso tal como é. As rugas, qual símbolo da velhice, não podem aparecer!

Tudo se encaminha para que consciente ou inconscientemente não haja referência à norma do idoso porque se afasta da norma imposta pela ditadura da imagem, que se quer jovem e harmoniosa.

Entre o viver e o existir

O conceito de *pessoa*, diríamos mesmo de *pessoa humana*, afasta-se da noção de indivíduo, uma vez que pessoa nos remete para o *con-viver*, isto é, o de viver com outros; melhor ainda, aproxima-nos do conceito de *co-existir*, ou seja, de existir com os outros. Com efeito, viver é um ato eminentemente biológico, enquanto existir nos eleva a uma condição metafísica (Patrício & Sebastião, 2004). O animal simplesmente vive. Nós existimos, e esse existir acontece na presença dos outros, de todos.

O homem é um ser relacional, de e em permanente diálogo com o mundo. Tal condição observa-se logo na mais tenra idade quando o bebé reage com alegria à presença da mãe, quando é acariciado por alguém, quando segue com o olhar o movimento de quem quer que seja ou, ainda, através do choro reclama a presença de uma pessoa.

Hoje em dia o lugar para o diálogo é global. A tecnologia permite refundar a antropologia, tentando perceber que novo homem é este que vive sozinho rodeado pela humanidade. Sozinhos, no silêncio da casa, um jovem fala para todos os lugares, convive num mundo virtual cada vez mais real ou num mundo real virtualizado, alterando por completo a noção de conviver ou de coexistir, e por tal também de pessoa, sendo frequentes milhares de histórias sobre pessoas que passam horas e horas fisicamente sozinhos encerrados num quarto em franco convívio com outras pessoas sós e fechadas algures no mundo.

Realizam-se como (novas?) pessoas dialogando com muitas outras que também buscam na tecnologia as suas realizações pessoais. Mas ao velho a solidão do quarto é mesmo *soidade*, é estar só, isolado do mundo. Em rigor, é não ser verdadeiramente pessoa humana, é-se um simples indivíduo, alguém fechado em si mesmo, neste caso não por opção, mas como uma contingência externamente colocada.

¹ Os *Lusíadas*, Canto I, 2ª estrofe. É curioso apontar que só dois países, agora a viverem muitas dificuldades, possuem poemas épicos a narrarem as suas Histórias. Homero, na Grécia, e Camões, em Portugal, escreveram obras que os libertaram da lei da morte e por tal não transpuseram o Letes.

Um jovem só, no seu quarto, tem no computador um mundo às suas mãos. Um velho só, no seu quarto, tem no quarto o seu mundo. Nada lhe resta para além de um prolongado silêncio que muitas vezes o acompanhará até ao derradeiro silêncio.

No silêncio, o velho é remetido para o “exílio da condição humana” (Carvalho, 2012, p. 154), passando a ter apenas uma vida pouco mais do que biológica, deixando de existir verdadeiramente. É apenas para si, esquecido do mundo, da família ou do *outro*.

O silêncio é de ouro – outro adágio popular – mas a imposição ao silêncio eterno antes de a eternidade despontar no nosso horizonte pode ser deveras frustrante. O velho, no seu silêncio, sabe-o, e muitas vezes só o sabemos quando apenas vários anos verificamos que alguém morreu e lá ficou, sozinho, em casa,² em e no silêncio.

O drama do silêncio é a antecipação de uma morte e da execução de outra: do anúncio da morte da vida e da concretizada morte da existência humana. Sai-se da existência em vida, saindo-se da vida já sem existência! Que drama o silêncio traz ao velho. São testemunhas mudas do delírio civilizacional sob a égide do jovem.

O silêncio do velho é a expressão da ausência de esperança para a vida. Possibilitar que abandone o exílio a que foi imposto é voltar a proporcionar-lhe ser pessoa e, por conseguinte, de continuar a sua antropogénese que, na visão de Teixeira de Pascoaes, concluir-se-á no momento da morte.

Com efeito, Teixeira de Pascoaes (1988, p. 261), na verdade da sua poesia filosófica, perguntava

“que é ser velho senão um homem acabado? E acabado quer dizer perfeito. A perfeição é um segredo da arte e da morte, essa fídica escultora de esqueletos”,

atribuindo desta sábia forma à velhice o corolário de uma antropogénese. Quer isto dizer que a real génese humana se completa no velho. O projeto de se ser humano, verdadeiro e totalmente humano, concretiza-se na velhice. Admitimos mesmo que o momento supremo, e último, do nosso projeto antropológico seja a morte. Já Heródoto, no século V a.C., dizia, a propósito de uma questão colocada pelo rei da Lídia, que só ao atingir o termo da vida se pode dizer se alguém foi feliz ou não (Ferreira, 2006).

Assim, afastar o velho do silêncio é retorná-lo à vida, à comunidade, à existência humana, em síntese, à realidade de se ser pessoa. Da mesma forma que o movimento é a palavra da criança, a palavra é o movimento do velho.

Para tal temos de construir um país onde se possa envelhecer com dignidade.

Foi por isso que pedimos emprestado a Isabel Allende (2003) o título de um seu livro para dar nome a esta nossa reflexão. Apenas fizemos uma pequena alteração, mas na essência mantivemos o referido título.

Um país inventado

O tema que aqui desenvolvemos diz respeito ao **Envelhecimento com Qualidade ao redor do Mundo**. Mas não limitámos o conceito de Mundo. Não afirmámos que era deste ou de

² Referimo-nos às inúmeras notícias de idosos encontrados mortos em sua casa meses e mesmo anos após o desenlace final. Que silêncio sepulcral se viveu numa casa que deveria ser de palavras!

qualquer outro Mundo, pelo que nós, talvez até para evitar a concorrência de outros textos, resolvemos falar de um país de um outro Mundo. Esse país chama-se Utópia.³

É um país que fica na latitude da nossa imaginação e na longitude da vossa fantasia.

É um país onde não há velhos ou crianças, nem homens ou mulheres, nem pobres ou ricos, nem gordos ou magros, nem bonitos ou feios, nem azuis ou vermelhos, nem tantas outras dicotomias. Um país onde só há Pessoas, sim, Pessoas e todas elas humanas.

É um país onde não é necessária nenhuma discriminação positiva porque não há qualquer discriminação negativa.

É um país onde não é necessário haver Universidades Seniores da vida, porque as Universidades tratam do ser humano, de todo o ser humano desde o nascimento até à morte.

É um país onde não há solidão, onde ninguém mora sozinho, onde ninguém fica dias e dias sem falar com alguém, ou retido em casa por não conseguir descer as escadas do prédio.

É um país onde ninguém morre só e fica esquecido, meses ou anos sem conta, morto em sua casa.⁴

É um país onde todos, mas mesmos todos, têm a possibilidade de convívio social.

É um país onde não há violência sobre ninguém, em especial sobre aqueles que vivem há mais tempo.

É um país onde todos, mas mesmo todos têm os seus direitos assegurados. Onde não há fome, onde não há injustiça, onde não há doentes por tratar.

É um país onde não há pessoas abandonadas e por tal, onde não faz sentido ouvir o Papa Francisco dizer que o abandono dos velhos é uma eutanásia mascarada.⁵ Um país onde os filhos, nas férias e datas festivas, não abandonam os seus pais nos hospitais.

É um país que chora os seus mortos e não necessita que um Papa o faça por si.⁶

É um país onde cada qual é uma Pessoa e não um número.

É um país onde ser velho não é um problema, mas uma conquista da humanidade. Um país onde apenas há um estatuto, o Estatuto do Homem.

É um país onde o velho não é uma categoria resto, um subproduto da humanidade ou uma coisa descartável, mas um ser humano na plenitude da sua grandeza ontológica.

É um país que sabe distinguir perfeitamente o Ser do Ter. Sim, porque o ser humano, qualquer ser humano, tem de Ter para Ser, mas não É para Ter.

É um país que sabe distinguir perfeitamente o Existir do Viver (Lévinas, 2001; Patrício & Sebastião, 2004). Sim, porque o ser humano, qualquer ser humano, não vive apenas. Acima de tudo Existe. Os animais é que simplesmente vivem.

É um país onde qualidade de vida não se prende ao ter e ao viver, mas, fundamentalmente, ao Ser e ao Existir. Um país onde a vida não é calculada por aquilo que se tem, desde objetos a condições pessoais como mobilidade, saúde e afins, mas pela dignidade com que é vivida em toda a sua extensão. Um país onde “a economia não mata” (Papa Francisco, 2013, p. 43), um país que não nega “a primazia do ser humano, ou seja, um país que não sofre de uma violenta crise antropológica” (Ibidem, p. 44). Um país onde as palavras ética e moral são significativas.

³Este nome é inventado. Trata-se de uma fantasia dos autores, embora querendo significar que é um país utópico na perspetiva que adiante esclarecemos sobre o conceito de utopia.

⁴Na Bibliografia, ver: *Jornal de Notícias* (2012), Belém (2009), Lusa (2011) e *Tribuna do Ceará* (2014).

⁵AFP/Lusa (2014).

⁶*Público* (2013).

É um país onde a velhice não é um triste marcador social. Um país onde os governantes não colocam a jovem geração contra a geração mais idosa. Um país onde a aposentadoria não é vista como uma despesa, mas como um direito pético.

É um país onde não há asilos como depósito de velhos.⁷ Há verdadeiros lares onde as Pessoas, independentemente da idade que têm, se encontram umas com as outras, convivendo, aprendendo, amando e sendo amadas.

É um país onde não se associa a velhice à doença, à falta de autonomia, à vergonha, ao fim. É um país onde há alegria de viver.

É um país onde ninguém tem vergonha ou medo de ser visto tal como é. Um país sem a hipocrisia da imagem, da máscara. Um país onde a ruga é sinónimo de beleza, de uma beleza conseguida ao fim de muitos anos de vida. Um país que vê para além do rosto. Um país onde não reside o drama do corpo como um revestimento da Pessoa. Um país que não se preocupa em catalogar as Pessoas em primeiras, segundas ou terceiras idades. Não, não faz essa discriminação.

É um país onde o conhecimento dos velhos, a experiência da vida e o valor da prudência, são respeitados. Um país onde não há sábios ignorados. Um país onde não há infoexcluídos, uma nova classe social onde se encontram todos aqueles que não dominam os mistérios da informática.

É um país onde o velho decide, onde tem a oportunidade de optar e de ser ouvido, um país que não lhe recusa a plena cidadania.

É um país onde ter muita idade não causa angústia. Um país onde a palavra tolerância não é vã. Um país que aceita “cada um como é e não como deveria ser” (Carvalho, 1994, p. 28)

A Utopia, qual utopia, é um país de Pessoas e não de rótulos. Um país de esperança e de saudade, até do futuro, como escreveu um dia um grande poeta-filósofo português, Teixeira de Pascoaes. Um país onde até o velho pode ter esperanças e saudades do futuro. Um país onde não se cultiva somente a igualdade, mas a justiça. Sim, porque perante a desigualdade, a igualdade provoca mais desigualdades. Um país onde não mais este poema de Miguel (Torga, 2000) faz sentido:

Pouco a pouco, vamos ficando sós.

Esquecidos ou lembrados

Como nomes de ruas secundárias

Que a custo recordamos

(...)

Mortos sem ter morrido,

Lúcidos defuntos,

Vemos a vida pertencer a outros.

É um país onde a vida pertence a todos, e não apenas aos jovens. Um país que não se rege apenas por valores juvenis, de produção e de consumo. Um país onde os mais velhos têm tempo

⁷Jornal de Notícias (2013).

para atravessarem as ruas sem serem atropelados.⁸ Um país onde os motoristas de autocarros não ficam impacientes com a lentidão dos velhos. Um país onde ninguém é apenas figurante no grandioso cenário da vida.

É um país onde os cuidados paliativos, quando necessários, são uma realidade para todos e não uma simples quimera inatingível.

É um país onde o conceito de inclusão social não faz nenhum sentido porque ninguém está excluído, nem ninguém se sente dono da sociedade para determinar inclusões. Um país onde ninguém “vive nas sombras das cidades por onde vagueiam” (Carvalho, 2012, p. 144). Um país onde as palavras comunidade, solidariedade não são ruídos informacionais.

Este país, infelizmente, não é Portugal. É um país inventado. É, qual utopia, a Utópia, mas é este país inventado que queremos para o nosso, regiões autónomas obviamente incluídas.

Utopia não significa o impossível, mas aquilo que se quer alcançar. Utopia é uma palavra inventada a partir do grego por Thomas More. Provém de *outopos*, significando o não-lugar. Contudo, esta palavra grega pode ser lida como *eutopos*, ou seja, o lugar da felicidade (Riot-Sarcey et al., 2009, p. 251; Madonna-Desbazeille, 2009, p. 253). Parece que a felicidade habita no não-lugar. Nós não queremos esta formulação, preferindo uma outra que a utopia “é o lugar que ainda não há, mas que um dia pode vir a haver; no limite, que um dia haverá” (Patrício & Sebastião, 2004, p. 119).

O nosso país inventado, a tal Utópia, nada mais é do que um imperativo ético, o de viver bem com os outros, com todos os outros. Ainda não há, mas um dia a Utópia existirá. É uma exigência ética!

Creemos que se compreende que este texto é quase um poema sem rimas. Aristóteles (2008, p. 54), na sua magistral *Poética*, dizia que “a função do poeta não é contar o que aconteceu, mas aquilo que poderia acontecer, o que é possível”. A poesia, com ou sem rimas, tem um carácter mais elevado do que as descrições. Ainda para Aristóteles, “a poesia é universal e a História, as referidas descrições, é particular” (Ibidem, p. 54).

Assim a nossa Utópia, o país inventado, é um desejo universal. Não é de Portugal ou de qualquer outro país. Não é da região Norte do nosso país ou da Madeira, mas da humanidade.

O homem “é um ser efémero sedento de infinito” (Boff, 2000, p. 205). É um ser que busca a transcendência (Neves, 2012) enquanto vive. É um ser que se angustia perante a possibilidade de não ser nada, o que levou Emmanuel Lévinas (2003, p. 87) a perguntar “como pensar o nada?”

O homem de hoje, especialmente o urbano, vive numa deriva materialista, relacionando a sua vida com os bens de consumo que possui. Infelizmente, cada vez mais associamos o conceito de qualidade de vida à quantidade de bens que possuímos e não à dignidade do ser.

Concluimos, afirmando que temos de dar realce ao sentido profundo da expressão Vida com Dignidade. Dignidade, porque ligado ao Ser, é um conceito muito mais profundo do que Qualidade, hoje na moda, muito mais ligado ao Ter. E nós queremos ser lembrados por aquilo que somos e não somente por aquilo que temos.

⁸A Bola (2014).

Bibliografia

Este texto foi escrito com uma enorme liberdade, até poética, mas não deixámos de consultar alguns textos de referência. Aqui estão as âncoras de muitas das nossas ideias aqui expressas:

- A Bola (2014, outubro, 21). Idoso morre após ter sido atropelado na passadeira.
- AFP/Lusa (2014, setembro 28). Papa diz que abandono de idosos é 'uma eutanásia mascarada'. *Diário de Notícias*.
<https://www.dn.pt/globo/abandono-de-idosos-e-eutanasia-disfarcada-4149497.html>
- Allende, I. (2003). *O Meu País Inventado*. Difel.
- Aristóteles (2008). *Poética* (A. M. Valente, Trans., 3rd ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Belém, J. (2009, outubro 15). Homem estava morto em casa há dois anos. *Diário de Notícias*.
<https://www.dn.pt/portugal/homem-estava-morto-em-casa-ha-dois-anos--1391037.html>
- Bíblia Sagrada* (2001, 45th ed.). Editora Vozes.
- Boff, L. (2000). *Tempo de Transcendência: o Ser Humano como um Projeto Infinito*. Sextante
- Camões, L. V. (s.d.). *Os Lusíadas*. Círculo de Leitores.
- Carvalho, A. D. (1994). *Utopia e Educação*. Porto Editora.
- Carvalho, A. D. (2012). *Antropologia da Exclusão ou o Exílio da Condição Humana*. Porto Editora.
- Ferreira, J. R. (2006). O homem precário e fugaz, perene pela poesia: Nemeia VI. In F. Lourenço (org.), *Ensaio sobre Píndaro* (pp.167-168). Livros Cotovia.
- Jornal de Notícias* (2012, janeiro 24). Idoso desaparecido há dois meses encontrado morto em casa.
<https://www.jn.pt/local/noticias/castelo-branco/covilha/idoso-desaparecido-ha-dois-meses-encontrado-morto-em-casa-2260826.html>
- Jornal de Notícias* (2013, setembro 7). Idosos eram amarrados e lavados à mangueirada.
- Lévinas, E. (2001). *Entre Nosotros*. Ensayos para Pensar en Otro. Pre-Textos.
- Lévinas, E. (2003). *Deus, a Morte e o Tempo*. Almedina.
- Lusa (2011). Encontrado idoso morto em casa há três meses. *Diário de Notícias*.
<https://www.dn.pt/portugal/centro/encontrado-idoso-morto-em-casa-ha-tres-meses-1782900.html>
- Madonna-Desbazeille, M. (2009). Utopia. In M. Riot-Sarcey; T. Bouchet & A. Picon (org.), *Dicionário das Utopias* (p. 253). Edições Texto & Grafia.
- More, T. (2006). *Utopia*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Morin, E. (s.d.). *O método II. A vida da vida*. Publicações Europa-América.
- Neves, J. N. (2012). A Dignidade Humana. *Vaticano II: 50 anos, 50 olhares*. Paulus Editora, pp. 205-208.
- Público* (2013, setembro 8). Papa Francisco foi a Lampedusa “chorar os mortos que ninguém chora”.
<https://www.publico.pt/2013/07/08/mundo/noticia/papa-francisco-escolhe-lampedusa-para-primeira-viagem-do-seu-pontificado-1599582>
- Papa Francisco (2013). *A Alegria do Evangelho*. Paulinas Editora.
- Patrício, M. & Sebastião, L. (2004). *Conhecimento do Mundo Social e da Vida*. Passos para uma Pedagogia da Sapeza. Universidade Aberta.
- Poliakov, L. (1996). Discriminação. *Enciclopédia Einaudi*, vol. 22 (pp. 246-258). Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Riot-Sarcey, M.; Bouchet, T., & Picon, A. (2009). In M. Riot-Sarcey; T. Bouchet & A. Picon (org.), *Dicionário das Utopias* (p. 251). Edições Texto & Grafia.
- Serres, M. (2004). *Hominescência* (p. 188). Instituto Piaget.
- Teixeira de Pascoaes, J. (1988). *A saudade e o saudosismo* (p. 261). Assírio & Alvim.
- Torga, M. (2000). Solidão. *Poesia Completa* (p. 957). Publicações Europa-América.
- Tribuna do Ceará* (2014, agosto 23). Homem é encontrado morto deitado em rede depois de 1 ano e 3 meses desaparecido. <http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/cotidiano-2/homem-encontrado-morto-deitado-em-rede-apos-1-ano-e-3-meses-deixou-mensagens-na-parede>

